

REFLEXÕES ACERCA DO INTELLECTUAL NEGRO EM *CLARA DOS ANJOS*: O DIÁLOGO ENTRE LIMA BARRETO E SEU PERSONAGEM LEONARDO FLORES

Nilce Camila de Carvalho¹
Ricardo Sorgon Pires²

RESUMO: Partindo dos principais acontecimentos históricos que influenciaram na urbanização do Rio de Janeiro no início do século XX, momento de grandes mudanças vivenciadas pelo romancista Lima Barreto, este artigo tem como objetivo analisar o personagem Leonardo Flores do romance *Clara dos Anjos* (1948) [1909-1922] por considerá-lo representativo em razão de seu posicionamento como poeta engajado com as questões políticas e sociais de seu tempo. Desse modo, a intenção é aproximar os ideais defendidos pelo poeta-personagem com a posição intelectual defendida pelo próprio escritor Lima Barreto, enquanto defensor das questões concernentes ao negro no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura afrobrasileira; intelectual; preconceito.

ABSTRACT: From a synthetic view on the main historical events that influenced the urbanization process initiated in Rio de Janeiro, Brazil, in the early twentieth century, a time of great changes lived by the afro-descendent novelist Lima Barreto, this article aims to analyze the character Leonardo Flores of the novel "Clara dos Anjos" (1948) [1909-1922] who is considered representative due to his position as a poet engaged in the social and political issues of his time. Thus, the intention is to approach the ideals advocated by the poet-character with the intellectual position assumed by the writer Lima Barreto, as a defender of issues concerning the black people in Brazil.

KEYWORDS: Afro-Brazilian literature; intellectual; prejudice.

A partir do contexto histórico do Rio de Janeiro na Primeira República (1889-1930) e da posição assumida pelo romancista Lima Barreto, enquanto intelectual negro de seu tempo, este artigo tem como objetivo analisar a representação do personagem Leonardo Flores em *Clara dos Anjos* à luz do conceito de literatura afrobrasileira, tal como definido por Eduardo de Assis Duarte. De modo geral, a intenção é perceber como a postura do autor se refletiu em seu personagem, que também se assume negro e literato (poeta), se aproximando do engajamento social característico do intelectual pensado por Edward Said.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 1881 e faleceu em 1922 tendo vivido grande parte da sua vida num subúrbio do Rio de Janeiro. Foi um grande observador crítico das questões sociais e culturais de seu tempo e também um autor que analisou profundamente a alma humana. O contexto histórico vivido pelo romancista perpassa desde a luta dos negros pela liberdade até a Abolição, a queda do Império, a instauração da República e o contínuo esforço dos negros e seus descendentes que buscavam, em meio a esses eventos e mesmo

¹Doutoranda em Estudos Literários na UEL (Bolsista CAPES). Contato: nilce_camila@hotmail.com

²Doutorando em História Social na USP/ FFLCH/NEHO (Bolsista CAPES). Contato: ricardosorgon@hotmail.com

posteriormente, se inserir socialmente.

Lima Barreto, por ter nascido negro e pobre, sentiu na pele os preconceitos e injustiças sociais a que eram vítimas esse grupo social, cujos antepassados foram aqui escravizado e submetido a toda sorte de castigos. Mesmo com as adversidades impostas por sua condição, Lima Barreto deixou registrado, em suas obras literárias e em outros escritos, como diários e crônicas, seu posicionamento rebelde diante de uma sociedade corrupta e arrivista que procurou denunciar.

Vivendo no Rio de Janeiro pode perceber claramente as inúmeras mudanças que estavam ocorrendo com o advento da República, uma vez que nessa cidade – capital da federação – as transformações se deram de forma mais explícita, como a política do “Bota abaixo” (1904) do prefeito Pereira Passos que, objetivando embelezar, modernizar e higienizar a cidade, demoliu de forma indiscriminada cortiços e moradias populares, expulsando seus moradores para os morros da cidade. O Rio de Janeiro que antes da República e da reforma urbana era um local de esconderijo e solidariedade entre os negros, como aponta Chalhoub (1983), passa, após essa reforma, por um processo de segregação, entre esses e a elite. Tal processo, apesar dos esforços dessa última, nunca foi plenamente concluído.

A partir das obras de Lima Barreto tem-se um panorama do Rio de Janeiro desse período. Seu romance possui um caráter social que abarca as classes mais pobres e, sobretudo, os negros que habitavam os subúrbios e viviam uma vida precária e de muita miséria. Nesse sentido, seus romances adquirem a função de denunciar as mazelas da existência humana em um local esquecido pelas políticas públicas, as quais visavam apenas “limpar” as vias principais e manter esse grupo social longe do centro urbano, visto que eles não se enquadravam no refinamento exigido pela cultura da *Belle Époque*.

Além de uma visão crítica acerca do espaço urbano e das práticas cotidianas e culturais, que contribuem no estudo dos costumes de uma época e de um povo em determinado contexto histórico social, os romances de Lima Barreto apresentam, de modo geral, análises profundas acerca do pensamento e comportamento humano. Seus personagens não são rasos, ao contrário, abarcam uma complexidade que demonstra muito mais do que apenas sensibilidade do escritor, exigem uma vivência próxima e constante, não só com esses homens e mulheres marginalizados que habitavam os morros e subúrbios, mas também uma experiência própria com essa realidade social.

Nesse sentido, a condição de escritor negro e pobre, que sofre privações e preconceitos, adquire mais consistência e irrompe em sua literatura na forma de protestos, indignação, ironia e revolta. Em sua primeira obra, *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, publicada em 1909, Lima Barreto expõe toda a sua amargura de intelectual repudiado devido à cor da sua pele.

Recordações do escrívão Isaías Caminha é um romance escrito em primeira pessoa, no qual o protagonista narra sua trajetória de vida desde sua chegada, ainda menino, na capital brasileira, passando pela experiência como jornalista d'*O Globo*, local onde presencia diversas situações sociais e pode também defender, como intelectual negro, sua causa e seu ponto de vista nas páginas do jornal. Essa obra foi e, em parte, ainda é vista com desdém por muitos críticos que consideram excessiva a expressão autobiográfica de Lima Barreto no personagem Isaías, usado para declarar toda sua amargura e ressentimento contra a política social e econômica, a elite e os intelectuais da época que, ignorando a população de negros e mestiços, buscavam no estilo de vida europeu (civilizado) um modelo a ser adotado.

O projeto literário advogado por Lima Barreto fez com que suas obras não ficassem restritas às características estéticas próprias de um “pré-modernismo”, uma vez que, segundo Antônio Arnoni Prado, ele “parece tê-las superado no plano das intenções e de certas manifestações concretas” (PRADO, 1976, p. 12), principalmente, por inovar a linguagem, utilizando muito da oralidade, por seu espírito crítico e polêmico em relação à realidade social brasileira e, mais especificamente, carioca.

Para além das críticas ao governo, à política, à imprensa, à corrupção, à hipocrisia de uma sociedade que se queria refinada e à modernização urbana, Lima Barreto dirigia suas críticas ao cientificismo, às teorias raciais, à craniometria, que pregavam a inferioridade do homem negro e intencionavam afastá-lo cada vez mais da vida social, procurando também “diluí-lo” através dos projetos de branqueamento, levado a cabo através das políticas imigratórias.

Esse caráter presente nos romances sociais de Lima Barreto possui um enunciador que tem na cor da pele e nas raízes africanas o seu diferencial. O romancista assume a voz do sujeito negro e marginalizado para denunciar o crime praticado contra os seus e as injustiças sociais que sofriam mesmo após a abolição, em parte por não terem recebido qualquer reparação. Em suas narrativas “o negro deixa de ser objeto para passar a sujeito da literatura e da sua própria história; deixa de ser tema (inclusive como estereótipo) para ser autor de uma

visão de mundo própria” (LOBO, 1993, p. 207). A “voz” assumida por Lima Barreto é a de um “eu” negro que vê na literatura um modo de contestar e lutar por igualdade de direitos.

Ao se assumir como negro e buscar através de seus escritos conscientizar os leitores quanto aos crimes cometidos contra esse grupo social, Lima Barreto dá continuidade a uma luta por reparação e justiça. É nesse âmbito que sua obra não se restringe ao “pré-modernismo”, visto que, por suas características, hoje ela é considerada como parte de um projeto ideológico e estético maior, a Literatura Afrobrasileira. Os primórdios dessa literatura são identificados em obras da segunda metade do século XIX como no romance *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis e nos poemas satíricos de Luiz Gama, ambos de 1869.

A literatura afrobrasileira, segundo Eduardo de Assis Duarte, surgiu da “existência de vazios e omissões que apontam para a recusa de muitas vozes, hoje esquecidas ou desqualificadas, quase todas oriundas das margens do tecido social” (DUARTE, 2005, p. 113). Sintetiza em si a voz dos excluídos, daqueles homens e mulheres que se não sofreram nos porões ou nas senzalas, herdaram as marcas da escravidão, sendo a principal delas o estigma da cor da pele e a “memória herdada”³ de seus ancestrais.

Lima Barreto é um autor negro que busca denunciar esses quatro séculos de injustiças que não cessaram após a abolição da escravatura. Em seu *Diário Íntimo* (1953), gênero comum entre autores afrodescendentes⁴, Lima Barreto revela sua intenção de escrever a história da escravidão no Brasil e um romance germinal negro. Tais obras não foram realizadas, mas o autor carioca legou vários textos relevantes para o estudo da literatura desse grupo social.

Antônio Candido (1989) concebe como problemática as obras demasiadamente empenhadas do autor. Segundo ele, os diários e outros escritos pessoais de Lima Barreto atingem maior grau de literariedade por serem os mais descompromissados com sua proposta de “representação do real”. O crítico afirma que “ele canalizou a própria vida para a literatura, que a absorveu e tomou seu lugar; e esta doação de si mesmo atrapalhou-o paradoxalmente a ver a literatura como arte” (CANDIDO, 1989, p. 41). Talvez o que alguns críticos vejam de modo duvidoso seja a atitude militante do literato que, para esses, o aproximou de uma

³ Com relação a esse conceito ver (HALBWACHS, 2006, p. 79; POLLAK, 1992, p.4-5).

⁴ A escrita do diário pressupõe maior liberdade para o autor escrever sobre seus pensamentos e suas vivências. A literatura afrobrasileira concebe o termo *escrevivência* para designar a escrita literária cujo conteúdo aproxima-se das vivências de seu escritor. Conceição Evaristo ao explicar o ato de insubordinação que é escrever, cita como exemplo o caso de Carolina Maria de Jesus, afirmando que essa escritura não deve ser “lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p. 20-21).

literatura “panfletária” (MARTHA, 2001)⁵.

De acordo com Antônio Candido, Lima Barreto insiste na ideia de que literatura tinha um papel definido, ela devia “contribuir para libertar o homem e melhorar a sua convivência” (CANDIDO, 1989, p. 39). Em várias obras do autor pode-se notar a discussão em torno do papel do intelectual na sociedade, com destaque para o papel do intelectual negro. Seja através da ficção, das crônicas ou mesmo dos registros pessoais, Lima Barreto deixou explícito seu posicionamento em relação a essa questão.

No caso, o ponto de vista do escritor negro é marcante na literatura de Lima Barreto, sendo essa condição também imprescindível para a concepção de literatura afrobrasileira como exposta por Eduardo de Assis Duarte (2005).

Duarte compreende essa literatura como contendo cinco pontos básicos: a autoria, o ponto de vista, o temática, a linguagem e o público leitor. Desses pontos, em relação a Lima Barreto, o mais complexo é a questão do público leitor, que será posteriormente abordada. A linguagem barretiana, apesar de criticada e acusada de desleixada, é inovadora e estabelece uma atitude diferente em relação às normas literárias da época. Em razão do objetivo de expor a um vasto público, o romancista utilizava uma linguagem mais popular, em comparação com os demais autores que foram seus contemporâneos. Um tema que envolve sua obra como um todo, ou melhor, que a direciona, é a missão do autor para com a sociedade. De acordo com Sevcenko:

Sua concepção cruamente utilitária da arte o fazia concebê-la como uma força de libertação e ligação entre os homens. Permitia-lhe escapar das injunções particulares e cotidianas para o próprio centro das decisões sobre o destino da humanidade. Ensejava a cada indivíduo isolado que sentisse incorporado profundamente no seio da natureza e do universo. Por isso mesmo, ele chegava a supor a literatura como um complemento ou um sucedâneo para a religião. (SEVCENKO, 1995, p. 168)

Lima Barreto fazia da literatura um instrumento para denunciar a corrupção política e econômica em que se encontrava o governo e também para libertar o homem, sobretudo o negro, sobre o qual ainda havia as correntes do preconceito que influíam em uma série de fatores como direito à educação, cultura, trabalho, moradia, além do direito ao discurso sobre

⁵ Martha (2001) discute em detalhes o termo literatura panfletária que por muito tempo foi empregado pelos críticos para qualificar negativamente a produção literária de Lima Barreto. De acordo com a pesquisadora, esse chavão foi revisitado apenas na década de 1970, contudo, ele, por vezes, aparece para demarcar diferenças estéticas entre uma obra e outra. Apesar de haver avaliações mais cuidadosas em relação à obra de Lima Barreto, esse conceito pejorativo e simplista ainda perdura em alguns manuais didáticos e em livros da história literária brasileira.

si.

Esse último item é o elemento fundador da literatura afrobrasileira, e, em Lima Barreto esse discurso é um dos pontos cruciais em sua obra, dado que o autor foi acusado de biografismo por muitos críticos. De fato, excetuando seus diários e crônicas, nos quais se tem a voz do próprio autor, seus romances são fortemente influenciados por cenas provavelmente presenciadas na periferia do Rio de Janeiro, bem como por sua visão acerca da condição do intelectual negro, a qual transparece nas páginas de seus romances e demais produções literárias. Um exemplo, nesse sentido, pode ser encontrado tanto no protagonista de *Recordações do escrívão Isaías Caminha* como em uma personagem periférica como Leonardo Flores em *Clara dos Anjos*.

Na tentativa de esboçar as características desse intelectual negro, que procura projetar em sua literatura a condição de todo um grupo social, esse artigo propõe analisar a figura de Leonardo Flores por considerá-lo um personagem que abriga certa complexidade e esboça a missão literária e a posição do escritor negro para com os seus iguais.

No romance *Clara dos Anjos* (1997), o autor denuncia a condição da mulher negra no Brasil do início do século XX. A ambientação do drama é o subúrbio do Rio de Janeiro, local onde se concentra a população de pobres e negros, homens e mulheres que lutam por sobrevivência. É sabido que essa obra barretiana, entre outras, são exploradas por pesquisas que buscam estudar a representação da mulher negra em face da sociedade patriarcal. Nesse âmbito, *Clara dos Anjos* abriga várias personagens que poderiam ser estudadas particularmente, com destaque para a protagonista, vítima passiva de um aproveitador que a abandona à mercê de uma sociedade que a condenará à vergonha e à infelicidade.

Mesmo em uma análise superficial, nota-se que a maioria das investidas do personagem Cassi, o vilão que conquista Clara, recaem sobre mulheres negras ou descendentes, evidenciando, desse modo, a vulnerabilidade a que estavam sujeitas tais mulheres. A preferência sexual dele não eram as afrobrasileiras, mas a questão é que sobre essas pairavam o estigma da cor. Não havia quem lutasse por elas, estavam sempre expostas a tais usurpadores por serem pobres, de famílias modestas ou mesmo sozinhas, e principalmente por serem vítimas do preconceito que as tinha por mulheres “fáceis” e libidinosas.

Pensando nessa temática, muito comum na época, Lima Barreto relata a situação de várias dessas mulheres, as quais, no romance *Clara dos Anjos*, não possuem a mesma confiança existente nas personagens não negras. Esse detalhe apenas traz à baila o propósito

do autor de “representar o real”. Lima Barreto buscou representar a mulher afrobrasileira tal como era vista naquele contexto histórico social, e a diferença de postura entre as personagens negras e a personagem Dona Margarida (descendente de alemães e russos), por exemplo, acentua o preconceito racial do período, uma vez que as mulheres negras carregavam o jugo da inferioridade social e racial, portanto, a confiança em si era um sentimento muito raro nessas mulheres.

Especificamente, existe sobre a personagem Clara a representação de duas personalidades que devem ser consideradas. Num primeiro momento, tem-se a Clara dos Anjos inocente, pura, sonhadora, delicada, educada, alegre, uma garota protegida do mundo pelos pais. Ou seja, a verdadeira Clara dos Anjos, visualizada pelo narrador onisciente. No entanto, há a Clara tal como é percebida por Cassi Jones: uma presa fácil e fogaosa, que, mesmo violada em sua honra, não apresentaria problemas por não haver quem a defendesse perante a justiça e a sociedade. Considerando o pensamento comum entre a elite branca e mesmo entre a classe média branca, é evidente que o personagem Cassi tinha sobre a mulher negra uma visão escravagista que perdurou por muito tempo, mesmo após abolição. Para o vilão, suas vítimas não passavam de um objeto a ser desfrutado.

Dado ao grande número de trabalhos que abordam a temática étnica e de gênero, o ponto crucial desse trabalho é analisar a alegoria do intelectual negro na sociedade brasileira do início do século XX criada por Lima Barreto. Desse modo, a figura central passa a ser o personagem Leonardo Flores. O narrador o apresenta como um poeta que teve seu auge, vendeu inúmeras obras, exerceu forte influência nos poetas de sua geração, apesar de ter sido o único a não se beneficiar com seu próprio trabalho. O fim de Leonardo Flores é a miséria, a loucura, o vício e o esquecimento; esse fim, ele aceitou resignadamente, pois sabia que era um preço que lhe seria cobrado.

O romance apresenta vários personagens secundários, cada um tem um papel definido na trama e são profundamente alegóricos. Leonardo Flores representa os intelectuais negros de sua época. Inclusive sua trajetória é um tanto quanto semelhante à do próprio escritor Lima Barreto, que também acaba sem reconhecimento, pobre, alcoólatra, louco e residente no subúrbio do Rio de Janeiro. Na narrativa, logo após a descrição do personagem em um dos seus acessos de loucura, há uma frase significativa de uma preta velha (residente qualquer do subúrbio) referindo-se ao desafortunado fim de Leonardo Flores: “- É “cosa” feita! Foi inveja da “inteligência” dele! - Gentes da nossa “cô” não pode “tê inteligência”! Chega logo os

“marvado” e lá vai reza e “fêtiço”, “pa perdê” o homem”. (BARRETO, 1997, p. 76)

Para os negros, o período pós-abolição não representou a liberdade, principalmente a liberdade cultural e a possibilidade de ascensão social. Poucos tiveram acesso à educação formal ou tiveram alguma instrução, motivo que vedava a incursão de muitos na vida intelectual brasileira. Ainda assim, quando nesse campo despontava algum negro, era visto com desdém, preconceituosamente, e a cor de sua pele era o fator responsável por seu fracasso. Lembrando que, na época, estavam em voga os estudos científicistas com base na craniometria e pregando a eugenia, os quais objetivavam provar a inferioridade do negro e de outras raças não brancas.

No romance *Clara dos Anjos*, Lima Barreto pretendia escrever a história da escravidão no Brasil e suas consequências. O romancista começou a escrever tal obra em 1909 e somente a terminou no ano de sua morte, 1922. Por esse motivo, é bem provável que nessa obra estejam muitos personagens significativos, embora de participação pequena, que tiveram suas vidas condicionadas pelas consequências da escravidão. Lima Barreto demarca, através desse personagem, a posição militante do escritor negro. O próprio Leonardo Flores declara sua missão:

Nasci pobre, nasci mulato, tive uma instrução rudimentar, sozinho completei-a conforme pude; dia e noite lia e relia versos e autores; dia e noite procurava na rudeza aparente das cousas achar a ordem oculta que as ligava, o pensamento que as unia; o perfume à cor, o som aos anseios de mudez de minha alma; a luz à alegoria dos pássaros pela manhã; o crepúsculo ao ciclo melancólico das cigarras – tudo isto eu fiz com sacrifício de cousas mais proveitosas, não pensando em fortuna, em posição, em respeitabilidade. Humilharam-me, ridicularizaram-me, e eu, que sou homem de combate, tudo sofri resignadamente. Meu nome afinal soou, correu todo este Brasil ingrato e mesquinho; e eu fiquei cada vez mais pobre, a viver de uma aposentadoria miserável, com a cabeça cheia de imagens de ouro e a alma iluminada pela luz imaterial dos espaços celestes. O fulgor do meu ideal me cegou; a vida, quando não me fosse traduzida em poesia, aborrecia-me. Parei sempre no ideal; e se este me rebaixou aos olhos dos homens, por não compreender certos atos desarticulados da minha existência; entretanto, elevou-me aos meus próprios, perante a minha consciência, porque cumpri o meu dever, executei a minha missão: fui poeta! Para isto, fiz todo o sacrifício. A arte só ama a quem a ama inteiramente, só e unicamente; e eu precisava amá-la, porque ela representava, não só a minha Redenção, mas toda a dos meus irmãos, na mesma dor. Louco?! Haverá cabeça cujo maquinismo impunemente possa resistir a tão inesperados embates, a tão fortes conflitos, a colisões com o meio tão bruscas e imprevistas? Haverá? (BARRETO, 1997, p. 113).

O trecho acima é a única passagem do romance em que há uma fala consistente do

personagem Leonardo Flores. Nesse momento, em que ele é apresentado ao leitor, tem-se uma declaração onde ficam explícitos sua identidade e seu objetivo de vida. Em suas palavras, nota-se a realidade a que o personagem estava condicionado a suportar e a luta empreendida por este para reverter o quadro de exclusão social e cultural a que estava sujeito.

O poeta afirma ter se sacrificado em razão de “cousas mais proveitosas”, ou seja, ele não estava buscando riquezas, reconhecimento ou a própria ascensão social. Seus objetivos não eram mesquinhos e egoístas, sua atitude é de poeta militante que vê na poesia não um modo de ganhar dinheiro (visto que ele mesmo não aceita, no romance, vender versos), mas um veículo através do qual pode apresentar a subjetividade do sujeito negro e a ação opressora da sociedade sobre esse segmento social, além de um instrumento de luta, na esperança de um futuro mais justo e humano, conquistado pelo esforço dos excluídos, juntamente com a conscientização da elite.

Não importa para o poeta Leonardo Flores que seu “ideal” o tenha fracassado perante os homens, que estes o tenham por louco, o que realmente importa é que conseguiu cumprir sua missão, missão que estava baseada na transformação de seus sentimentos e vivências em poesia. Para o personagem a poesia é mais do que a simples expressão do que há em sua alma, é o ideal na qual procurou sintetizar o sofrimento e a injustiça praticada contra um povo e uma cultura em específico: “eu transladei, nos meus versos, a dor, a mágoa, o sonho que muitas gerações que resumo escreveram com sangue e lágrimas, no sangue que me corre nas veias” (BARRETO, 1997, p. 114). A dor, a indignação e o senso de justiça levaram-no a buscar na arte – meio pelo qual se faria ouvir – a expressão para o inconformismo e para a resistência de várias gerações soterradas no anonimato.

Pela literatura, Leonardo poderia falar por si próprio, representando muitos, pois ele mesmo afirma que era “preciso ter nascido como eu” (BARRETO, 1997, p. 114), privado de todos os direitos, inclusive do de falar por si e escolher seu futuro, para sentir na pele a necessidade de resistir e lutar por inserção social. Não bastava que alguns brancos abolicionistas proclamassem seus discursos em favor dos negros, era preciso que esses assumissem seu próprio discurso, que fossem o sujeito de sua própria fala e, logo, de sua própria história.

Dentro dos apontamentos teóricos de Eduardo de Assis Duarte (2005), o alvo do discurso do negro deve ser o próprio negro, ou seja, o público leitor a quem as obras dos artistas negros devem estar endereçadas deve ser um público negro. Na época vivida por Lima

Barreto esse objetivo não era fácil de ser perseguido, visto que havia raríssimos negros alfabetizados, por isso, provavelmente, o “leitor ideal” de Lima não seja, especialmente, a população negra. A intenção do autor não é somente a denúncia social, a preocupação com a situação de abandono na qual estava esses suburbanos formados por negros e pobres, mas também transformar a mentalidade de seu receptor, dos seus possíveis leitores que ainda viviam de acordo com o pensamento escravocrata. Deve-se a esse ideal, o projeto de comunicar a muitos a sua literatura.

Em outro momento do romance, Leonardo despe-se de suas roupas e proclama: “Eu sou Leonardo Flores”. Nessa passagem, Luiz Silva (2009) aponta para a necessidade do poeta de “afirmar sua própria existência”, para ele, a nudez teria um caráter simbólico por remeter à “opressão sofrida” e à “negação da vida interior (alma)”. Nesse ato, consequência de um súbito momento de lucidez decorrente da embriaguez, Leonardo Flores insurge contra os valores sociais (a vestimenta e a etiqueta) como forma de chamar, ao extremo, a atenção daqueles ao seu redor para o seu verdadeiro eu. Desse modo, ao tirar a roupa o personagem se despe também de sua *persona*, ou seja, de sua máscara social (idealizada pela elite), mostrando claramente em sua própria pele o seu verdadeiro ser. Em uma sociedade permeada de concepções racistas, na qual os negros para terem um mínimo de aceitação social deveriam tentar inserir-se no “mundo dos brancos”, o brado de Leonardo surge como um desabafo e uma necessidade de afirmar sua afrodescendência.

Tal como o autor e seu personagem mais autobiográfico, Isaías Caminha, Leonardo Flores sofreu humilhações e opressões um tanto quanto semelhantes, comprovadas também por seu trágico fim: pobre, alcoólatra e louco. Sua condição de escritor renegado e militante remete à percepção de Lima Barreto quanto ao lugar do intelectual negro na sociedade elitista do Rio de Janeiro no início do século XX.

É relevante lembrar que os discursos que incluíam o negro como contribuinte na formação cultural brasileira surgiram somente na década de 1930, com exceção à obra de Paulo Prado, *Retrato do Brasil*, publicada em 1928, que considera o negro apenas para justificar o atributo da “tristeza” do povo brasileiro. Já na década de 1930, Gilberto Freire escreve *Casa Grande e Senzala* (1933), ensaio sociológico que, com base nos estudos da antropologia cultural surgida nos Estados Unidos, desvia o discurso da questão de “raça” para a de “cultura” e, assim, amenizando a violência da escravidão no Brasil, considera a contribuição cultural do negro para a formação do caráter nacional. Tendo em vista a

discussão dessas obras de caráter sociológico, percebe-se melhor a contramão das ideias propostas por Lima Barreto e também a fúria das rejeições que sofreu por parte de uma elite que ainda enxergava o mundo e o Brasil, em particular, com as lentes importadas da França da *Belle Époque*. Tais concepções estavam focalizadas no racismo científico, na eugenia e na necessidade de “europeização”, como única forma de superar o atraso econômico, social e cultural brasileiro advindo de séculos de escravidão e miscigenação com “raças inferiores”.

Como anotou em seu diário, Lima Barreto tinha o projeto de escrever uma história da escravidão no Brasil. Muito provavelmente esse desejo surgiu do fato da historiografia brasileira da época não considerar o negro como um grupo relevante para formação social e cultural do país. Nesse sentido, o romancista queria resgatar a história do negro no Brasil através de um romance, uma vez que tal gênero textual, por não ter a pretensão erudita de ser uma obra histórica nos moldes considerados adequados no período, garantiria certa liberdade por permitir que o autor desse voz e lutasse em prol de um grupo até então marginalizado nos círculos eruditos do saber, tendo como respaldo o argumento de que se tratava de uma coletânea de “fantasias” ou “devaneios” ficcionais.

Ao representar a voz do negro, marginalizado pelas políticas públicas e pelos discursos racistas da época, seja pela literatura ou pela imprensa, Lima Barreto, coloca-se na posição de combate visando apontar os erros cometidos em nome da ciência e do pensamento escravagista que ainda perdurava, exercendo, assim, a posição de intelectual de seu tempo. Para Edward Said, o intelectual é

“um indivíduo com um papel público na sociedade”, (...) dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público. E esse papel encerra uma certa agudeza, pois não pode ser desempenhado sem a consciência de se ser alguém cuja função é levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do que produzi-los); isto é, alguém que não pode ser facilmente cooptado por governos ou corporações, e cuja *raison d'être* é representar todas as pessoas e todos os problemas que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete (SAID, 2005, p. 25-26).

A partir dessas considerações, fica clara a função intelectual exercida tanto por Leonardo Flores em *Clara dos Anjos*, quanto pelo próprio romancista. O personagem assume ter lutado em prol do seu grupo social, chamado por ele de irmãos, ter recusado a mudez de sua alma, e estar tranquilo com sua consciência – que o levou a amar a arte para alcançar a “Redenção” dos seus. Lima Barreto trilhou pelo mesmo caminho. Sua obra, muito vasta se

considerado sua morte prematura, simboliza o seu “ideal” de vida e a função social que a arte exercia para ele e para os demais negros.

Cabe lembrar que a literatura, no início do século XX, era o espaço para alguns poucos homens intelectualizados. Seu exercício estava ligado à elite branca, e esta buscava seu modelo nas artes literárias em voga na Europa. Lima Barreto conhecia o modelo europeu, ele reconhece os autores que contribuíram para sua formação intelectual, como Dostoiévski, no entanto, sua arte está vinculada com a responsabilidade social que sentia em relação aos homens de sua cor. Os preconceitos e humilhações que sofreu está diretamente ligado aos temas que abordava em seus escritos e à repulsa que representava, para a elite intelectual da época, a presença de um negro no campo das artes e que, ainda, abria espaço de protagonista a personagens negros. Ademais, essa elite, cuja riqueza estava há séculos alicerçada na exploração do negro, seja como escravo ou como mão de obra barata, receava a ascensão social e cultural do negro porque esta geraria, inevitavelmente, um embate econômico, político, social e “racial”.

Desse modo, esse “medo branco” (CHALHOUB, 1988) se traduzia socialmente em uma política deliberada de exclusão e preconceito. Diante desse quadro, é possível imaginar o quanto um intelectual negro e ativista como Lima Barreto sofria de uma enorme pressão, gestada em sua própria consciência, ao ver-se na situação de uma pessoa que, ao contrário de muitos de seus “irmãos de sangue”, conseguiu ter uma boa educação e uma visão crítica, e, por isso, se vê como tendo, muito mais que os outros, a imensa responsabilidade de modificar a realidade social, de lutar efetivamente pelos seus, conscientizando os integrantes da elite.

Evidentemente, é possível vislumbrar hoje que uma empreitada como essa estaria fadada a frustrações, decepções e amarguras. Contudo, vale a pergunta: que outro destino poderia aguardar um homem que viveu no Brasil do início do século XX, negro, culto, e inconformado com o racismo e a injustiça social? Teria de fato fracassado em seu intento? Um escritor engajado na luta pelos direitos daqueles que foram excluídos pela sociedade unicamente pelo estigma de sua cor, e que soube expressar esteticamente seus ideais através da literatura, pode ter seus trabalhos pejorativamente reduzidos à categoria de “literatura panfletária”?

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos e outras histórias*. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo:

Publifolha, 1997.

BARRETO, Lima. *Diário Íntimo: Memórias*. [s.l.p.] [s.n.] [19--].

BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaias Caminha*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

CANDIDO, Antônio. “Os olhos, a barca e o espelho”. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CHALHOUN, Sidney. “Medo branco de alma negra”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: vol. 8, n. 16, p. 83-105, Março/Agosto 1988.

DUARTE, Eduardo de Assis. “Literatura e Afro-descendência”. In: *Literatura, Política, Identidades: ensaios*. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afrodescendência no Brasil: Antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. “Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção”. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/>.

EVARISTO, Conceição. “Memória e *Escrivivência*”. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: Teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

LOBO, Luiza. “Negritude e Literatura” In: *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

MARTHA, A. A. P. “Leitura e percepção estética: Recordações do escrivão Isaias Caminha, de Lima Barreto”. *Espéculo* (Madrid), Universidade Compl. de Madrid, v. 18, 2001.

MARTHA, A. A. P. “Lima Barreto e a crítica (1900-1922): A conspiração do silêncio”. *Acta Scientiarum* (UEM), Vol. 22, n. 1, p. 59-68, 2000.

PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro, Cátedra; Brasília, INL, 1976.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*. Trad. Monique Augras. Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SAID, Edward. *As representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SILVA, Luiz. *A Consciência do impacto nas obras de Cruz e Souza e Lima Barreto*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Artigo recebido em fevereiro de 2014.

Artigo aceito em abril de 2014.